

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
CURSO DE PEDAGOGIA

JÚLIA FERREIRA FIGUEIREDO

**A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO NA OBRA “A REPÚBLICA” DE  
PLATÃO**

MARINGÁ  
2012

JÚLIA FERREIRA FIGUEIREDO

**A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO NA OBRA “A REPÚBLICA” DE  
PLATÃO**

Artigo para Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Pedagogia, como requisito para cumprimento das atividades exigidas na disciplina do TCC.

Coordenação: Prof<sup>a</sup> Aline Frollini  
Lunardelli Lara

Orientação: Dr. Célio Juvenal Costa

MARINGÁ

2012

## ABSTRACT

This Project aims at studying Education in Plato, revisiting his work Republic in order to better understand Plato's thinking. The Greek were the first people to explicitly deal with the problem of the nature, ideas, tasks and goals of education, we focus on the essential aspects of the work to enrich our current methods. The ancient Greece is divided in five periods: Pre-Homeric, Homeric, *Archaic*, *Classical* and *Hellenistic*. At first, education addressed the building of a perfect and independent individuality; after that it came to prepare the student to the private and public life in a utilitarian way, seeking an elevated man. Plato's contribution to Greek education happens in the classic period. The application of a bibliographic review method allowed an explanation of the theme.

**Key words:** Education, Culture, Greece, Plato.

## RESUMO

Este projeto tem por finalidade estudar a Educação, revisitando a obra "A República", para melhor compreender o pensamento de Platão. A priori, este estudo foi elaborado como uma forma de enriquecer os métodos atuais, pois, o primeiro povo a enfrentar explicitamente o problema da natureza, das ideias, das tarefas e objetivos do processo educativo foram os gregos. A Grécia Antiga é dividida em cinco períodos: Período Pré-Homérico, Homérico, Arcaico, Clássico e Helenístico. Inicialmente a educação visava à formação de uma individualidade perfeita e independente. Posteriormente, veio preparar o aluno para a vida privada e pública de forma utilitarista, aspirando um homem elevado. As contribuições de Platão para a Educação grega se dão no período Clássico. O método aplicado de revisão bibliográfica permitiu que houvesse uma explanação do tema.

**Palavras-chave:** Educação. Cultura. Grécia. Platão.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação é um tema que vem sendo debatido desde a Antiguidade e persiste até a atualidade, por filósofos e educadores, partindo do princípio que ela é responsável pelo processo de formação das faculdades intelectuais e morais do ser humano.

A Grécia antiga é considerada como o berço da civilização ocidental e da Pedagogia, pois nela ocorreram às primeiras reflexões acerca da ação pedagógica, que influenciaram por séculos a educação e a cultura ocidental. Os primeiros pensadores utilizavam-se de lendas e mitos para transmitirem o conhecimento, mas, com o passar do tempo começaram a desenvolver a razão, a fim de resolverem seus questionamentos.

Um dos pilares da educação, a Homérica, visava o preparo para a guerra e para a eloquência das assembleias. A educação era ministrada nos palácios, por meio de exercícios físicos, manejo de armas, música, dança e oratória.

Na Grécia antiga, Sócrates era considerado o primeiro grande filósofo/educador da história. Platão, um de seus discípulos, foi conduzido pelo mestre ao estudo da filosofia. Para ele as pessoas não são iguais, e por isso devem ocupar posições diferentes e serem educadas de acordo com isso.

Platão considerava a sociedade de seu tempo ignorante e, por isso, formulou modelos para o ensino. O conhecimento, para ele, é resultado daquilo que a alma contemplou no mundo das ideias. Nesse sentido, a educação consiste em despertar no indivíduo aquilo que ele já sabe e não se apropriar de um conhecimento estabelecido.

Monroe (1958) expõe que Platão foi precursor da teoria da educação, da Pedagogia, na qual se sobressai reflexão pedagógica associada à política. O filósofo organizou o ensino e a investigação sistemática. Sua concepção pedagógica está pautada na sua filosofia, predominando as ideias éticas, a preocupação da justiça. Para Platão a educação tem caráter e a ideia central da sua pedagogia pode-se descrever como a formação do homem moral dentro do Estado justo.

Na atualidade o homem é livre para pensar e formar os juízos a cerca da sua realidade, preparado não para submeter-se ao destino, mas para influenciar e ser agente de transformação como cidadão. Ideias que remetem a revolucionária concepção grega da educação e seus fins.

Neste estudo, verificaram-se as contribuições da concepção platônica de educação, as quais podem auxiliar o professor em suas práticas educacionais atuando como uma práxis que se reverta em uma educação voltada para a construção do ser humano nos seus aspectos educacionais e sociais, afim de proporcionar uma relação intimista entre ensino e caráter.

## 2 BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM DA EDUCAÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA

A filosofia surgiu no século VI a.C, sendo entendida como uma nova ordem de pensamento, ela é conhecimento amplo. Não há como encontrar uma definição, não há a Filosofia e, sim, uma série de saberes filosóficos que foram acumulados ao longo dos anos. Como promulga o filósofo alemão Emmanuel Kant (1724-1804), “Não há filosofia que se possa aprender; só se aprende a filosofar.” (PILETTI e PILETTI, 1988, p.12).

Este acúmulo permite que se conheçam os problemas que inquietavam o homem nos mais diversos períodos da história. Afinal, é para isso que existe a Filosofia, como uma resposta aos questionamentos do homem por meio da reflexão e esta decorre de um fator determinante. Para Tales de Mileto (624-546 a.C.), o primeiro filósofo, por exemplo, a *arkhe* (água). Para Platão e Aristóteles a origem era o *Pathos*, o espanto. Platão (1973) “é verdadeiramente de um filósofo este *pathos* - o espanto; pois não há outra origem imperante da filosofia que esta” (HEIDGGER, 1973, p. 219). Para Aristóteles (1973), “Pelo espanto os homens chegam agora e chegaram antigamente à origem imperante do filosofar” (HEIDEGGER, 1973, p. 219).

Quando se inicia o caminho pela história da filosofia, compreende-se a articulação entre o surgimento da *polis*<sup>1</sup> e o nascimento da concepção ocidental da

---

<sup>1</sup> Etimologicamente, o termo está ligado a *akropolis*, “cidadela” ou parte alta da cidade; designa “cidade, por oposição aos campos circundantes, mas referido a “cidade-estado” implica numa pequena comunidade política, auto-governada, que inclui o núcleo urbano e o território adjacente (PINTO, 2010, p. 01).

racionalidade e enfatizando, particularmente, a invenção democrática ateniense como referência indispensável ao entendimento da sofística e do pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles, isto é, da filosofia clássica.

O surgimento do período Arcaico coincide com a formação das Cidades-Estados gregas. As que mais se destacaram foram Esparta e Atenas. Em Esparta, por volta do século IX, o legislador Licurgo organiza o estado e a educação. A princípio os costumes não são tão rudes, e a formação militar é intermediada com a esportiva e a musical, pois em Esparta a educação assume um papel de preparação para a guerra (MONROE, 1958).

Atenas passou pelas mesmas fases de desenvolvimento de Esparta, no entanto, priorizava pela formação intelectual sem deixar de lado a preparação física que não se reduzia apenas a uma simples destreza corporal, mas que vinha acompanhada por uma preocupação moral e estética; assim a educação em Atenas assume um papel mais intelectual. Na primeira parte de sua cultura aparecem formas simples de escolas e a educação deixa de ser restrita à família e a partir dos sete anos iniciava-se o processo de aprendizado propriamente dito, que compreendia os cuidados com o corpo, a música e a alfabetização. O pedotriba era o responsável em orientar a educação física na palestra onde os exercícios eram praticados (MONROE, 1958).

Além da educação física, a educação musical era extremamente valorizada, e, além dela, havia espaço também para a poesia, o canto e a dança. No ensino elementar da leitura e da escrita durante muito tempo não tiveram devida atenção quanto às práticas esportivas e musicais. Com o passar do tempo, no período Clássico, Atenas vivia um momento de maior florescimento da democracia, tornando assim o aluno um cidadão, exigindo uma melhor formação intelectual, delineando-se três níveis de educação: elementar, secundária e superior (RIBOULET, 1959).

Riboulet (1959) expõe em sua obra que dos sete aos treze anos a criança concluiria o ensino elementar (poesia, canto, dança e físico), porém, somente aqueles com recursos financeiros continuariam seus estudos, com aulas individuais, até concluírem a educação superior. Essas aulas individuais são chamadas de ensino preceptorial, que eram ministradas entre professor e preceptor, atingindo um alto grau de aprendizado por ser um ensinamento individual.

A educação superior mais elaborada, só se dá com os sofistas (primeiros a romperem com a busca pré-socrática por uma unidade originária), que mediante retribuições elevadas se encarregavam de preparar a juventude para a oratória. Essas, contribuíram para a profissionalização da educação, algo que não gerava tanta preocupação no período Arcaico. Sócrates, Platão e Aristóteles também ministravam a educação superior (TEIXEIRA, et. al, 2012)

De acordo com Lara (2012), a educação no período helenístico foi marcada pela interação cultural da Grécia com os povos do Oriente, surgindo às escolas públicas custeadas pelas próprias cidades. Essa fase dividiu o ensino em dois currículos: o das ciências humanísticas e o das ciências exatas. Segundo Chauí, (2010, p. 20-21):

Denomina-se *idade helenística* a época durante a qual a cultura grega torna-se patrimônio comum de todos os países mediterrâneos. Desde a morte de Alexandre até a conquista romana, vemos dominar, gradualmente, o Egito e a Síria, alcançando Roma e a Espanha, os meios judaicos esclarecidos, a nobreza romana. A língua grega, sob forma de *koiné* ou dialeto comum, é o órgão dessa cultura. Sob certos aspectos, esse período é um dos mais importantes da história de nossa civilização ocidental. Ao mesmo tempo que as influências gregas se fazem sentir até o Extremo Oriente, vemos, inversamente, a partir das expedições de Alexandre, o ocidente grego abrir-se às influências do Oriente e do Extremo Oriente. Agora encontramos, em sua maturidade e *radioso declínio*, uma filosofia a que, afastada de preocupações políticas, aspira a encobrir regras universais da conduta humana e a dirigir as consciências. Assistimos, durante esse *declínio*, à ascensão paulatina das religiões orientais e do cristianismo. Sobrevêm a *invasão dos bárbaros*, a decomposição do Império [Romano] e o vasto recolhimento que prepara a cultura moderna (CHAUI, 2010 p.20-21, grifos CHAUI).

Entretanto era necessário que o cidadão além de opinar, de falar, devesse também persuadir a assembleia, daí o surgimento de profundas mudanças na educação grega. Dessa forma, o novo ideal de educação é a formação do bom orador, ou seja, aquele que saiba falar em público e persuadir os outros na política.

Na busca de conhecer as expressões e as proposições educativas, transparentes nos discursos dos educadores, tanto na tentativa de delinear diferentes caminhos para a educação quanto ao desejar prosseguir no caminho que, até então, educacionalmente estava traçado, encontra-se uma filosofia de inspiração educativa.

Contribuindo com o tema relacionam-se conceitos para a educação, e para a consciência filosófica:

A educação: este termo exprime o princípio gerador dos comportamentos individuais culturais e sociais, assim como saberes inscritos em cada um. A educação designa o processo que vincula um sujeito ao seu meio ambiente próximo, a um sistema de sociedade, de cultura e de valores (no qual tomam lugar as instituições educativas) e lhe permite integrar-se. Essa dimensão formadora-fundadora é o desafio de uma realização, de uma liberdade, do sentido da própria empresa educativa, objetos da reflexão filosófica (MORANDI, 2002, p.17).

Assim, levamos ao conhecimento, que não podemos falar em educação sem falar de consciência filosófica e de sua história até aqui, pois de acordo com fatos descritos em literaturas, a educação sofre constantes mudanças. Essas transformações são necessárias para aproximar a educação da realidade, e a filosofia surge para afirmar que é a partir do cotidiano e do desenvolvimento do homem que se cria bases e estruturas das sociedades.

### **3 O MUNDO DAS IDEIAS DE PLATÃO**

Um dos principais objetivos de Platão era encontrar na sociedade aspectos que poderiam torná-la eterna e imutável. De acordo com Elizabeth (2010), para o filósofo, existiam realidades diferentes que envolviam os seres humanos, divididas em duas: O Mundo das Ideias e o Mundo das Sombras (ou Mundo dos Sentidos). Os pensamentos que eram considerados eternos e imutáveis enquadravam-se no Mundo das Ideias e conceituavam o denominado mundo físico. Já os valores imperfeitos que expunham uma realidade irreal, encaixavam-se no Mundo das Sombras. Com o Mundo das Ideias Platão pretendia esclarecer a progressão do conhecimento humano, resultando em “A República”.

“O mito da Caverna” é um diálogo platônico que está presente no livro VII da obra “A República”. Nele, Platão explica como ocorre o processo educacional. A caverna é profunda, estreita e em declive. No interior dela existem homens, que nasceram e sempre viveram em suas dependências e dela nunca saíram. Sentados e presos, eles ficam voltados para a parede da caverna: não conseguiam se libertar tampouco conhecem o exterior da caverna, ou viam a luz do Sol. Na entrada da

caverna, há um muro e atrás dele pessoas transportam objetos sob a cabeça, aparecendo apenas os objetos e não as pessoas, como se fosse um teatro de fantoches.

Uma grande fogueira ilumina o ambiente, e é claro que ela não é semelhante a luz do Sol e portanto esta figura desempenha uma função, na qual Platão descreve que nós estamos ignorantes. A caverna está para o mundo exterior assim como na realidade o mundo exterior está para o mundo das ideias. Na metáfora, o mundo exterior representa o mundo das ideias de tal modo que as coisas refletidas no lago representam os números e não as imagens empíricas reflexas. Com tal descrição, o filósofo deseja ilustrar o estilo de vida no mundo sensível em detrimento ao mundo inteligível.

Nesta representação alegórica de Platão, somos como os homens na caverna que são forçados a olhar para o fundo, ou seja, vemos representações, o mundo ao nosso redor é de modo parecido com as figuras que são projetadas no muro, na qual as representações existentes demonstram que apenas vemos aquilo que nos é mostrado. A luz do fogo, artificial, projeta um mundo semiverdadeiro. No entanto os homens da caverna compreendem que as sombras projetadas na tela são a realidade, e dessa mesma forma imaginam que as vozes humanas atrás do muro condizem com as figuras que são projetadas enquanto que na verdade, elas são eco das vozes reais.

No diálogo, Platão sugere que um destes homens consiga se libertar e então percebe sua situação, passando a enxergar os objetos externos e também as projeções que refletem a imagem no muro. Ao passo que, se este homem sair da caverna sentir-se-á um tanto que incomodado com a luz solar, pois não está acostumado a ela, assim deixará de olhar para a luz e irá fitar o ambiente ao seu redor e quando o fizer irá se deparar com a realidade e assim conseguirá enxergar os objetos reais:

Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só veem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que

lhes exibem. (...) Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto à mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a idéia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos (PLATÃO, 1956, p. 287-291).

O homem que se libertou da caverna vive agora uma situação complexa, visto que agora conhece o mundo real e sente que deve voltar ao antigo ambiente e relatar aos seus colegas que aquele mundo no qual eles se encontram é um mundo imaginário, e nesta problemática ele decide imergir de novo no interior da caverna. Contudo, quando ele entra novamente, é incapaz de ver novamente as imagens refletidas na parede e seus companheiros tão acostumados aquele mundo, zombam dele, pois, como desconhecem o mundo exterior não concebem que exista outra realidade além daquela que lhes é apresentada. Na tarefa de tentar conduzir seus colegas a também saírem da caverna, ao insistir na existência de outro mundo real, seus colegas então o espancam. Platão, neste momento está descrevendo a história de Sócrates que ousou saber, porém, seu conhecimento foi considerado inútil pelos homens.

A libertação das correntes se dá por acaso ou devido à intervenção de outrem. Assim sendo, o mito reporta o dever dos governantes que, uma vez obtido o saber, devem tornar o mundo sensível para governar. O “Mito da Caverna” pode ser considerado como um resumo das ideias e da concepção platônica.

“O Mito da Caverna” também reporta a distinção entre o sensível (visível) e o inteligível (invisível). O invisível é à base da teoria do conhecimento de Platão. Para o filósofo a educação é a mudança de caminho, e para ilustrar esta saída da ignorância ele utiliza “O Mito da Caverna”. No “Górgias”, Platão mostra a pergunta “que é?” e a partir dela pressupõe-se que conhecer é oferecer uma explicação racional sobre o objeto da pergunta e sim sobre as opiniões que dele formamos, ou seja, a questão “que é?” começa a ser respondida quando os interlocutores do diálogo precisam justificar as afirmações ou negações que fazem sobre alguma coisa e, portanto, conhecer é primeiramente entender os atos mentais e discursos

com os quais se afirma ou nega-se alguma coisa. “É no Górgias que Platão abandona pela primeira vez a simples atitude de exame e investigação predominante nos diálogos anteriores” (JAEGER, 1995 p. 685).

No *Teeteto*, há duas modalidades de conhecimento: a sensação e a opinião, que são examinadas de maneira a mostrar que a marca da sensação não é apenas das condições do corpo daquele que sente ou percebe, mas o percebido é que a marca da opinião é sua dependência da variação de testemunhos, que nos fazem conhecer alguma coisa apenas por ouvir dizer.

Tratando-se de conhecimento, a dialética é o método para que a alma racional consiga apreender intelectual e conceitualmente uma realidade, captando sua essência, ou formas, ou ideias. E também é o meio pelo qual a razão o pensamento, superando a divisão entre contato direto e imediato com o seu objeto, alcança o logos, isto é o ser inteligível.

A dialética é um jeito de proceder, é algo que qualquer pessoa pode aprender. Ela historicamente começa em Heráclito, passa por Zenão, Platão, Hegel e chega a Marx. A dialética tem alguns sentidos.

A palavra dialética tem sua raiz na palavra diálogo. Razão juntar, recolher. É a técnica de lidar com quem pensa diferente, é uma forma de captar uma ideia. A maneira de educar uma pessoa por meio do diálogo. Em Platão a educação deveria funcionar como forma de desenvolver o homem moral. Só a sabedoria é capaz de libertar o homem das trevas da ignorância. A dialética realiza a passagem do mundo das sombras para o mundo das ideias (VASCONCELLOS, 2008).

“A República” é uma das primeiras obras de Filosofia da Educação que se tem notícia. A concepção idealista de Platão está baseada em uma realidade não sensível:

O melhor exemplo que podemos dar de uma realidade não sensível seria aquela na qual habitariam as figuras geométricas de duas dimensões os círculos e os quadrados perfeitos, que jamais poderiam existir em nosso mundo e, portanto, não podem ser percebidos por nossos sentidos (PORTO, 2006, p. 10).

Os argumentos defendidos por Platão são sólidos “educar é recordar valendo-se de argumentação por via negativa: O paradoxo da investigação” (PORTO 2006, p. 11). Este paradoxo é apresentado de forma singular no diálogo *Mênon*

reiterando que ninguém investiga algo que já sabe, assim, o que não sabe, não pode investigar, pois não sabe o que procura.

A partir daí surgem quatro possibilidades em relação ao conhecimento de qualquer objeto. A primeira se dá quando eu sei que o conheço; a segunda, quando eu sei que não conheço; a terceira, quando eu não sei que o conheço; e por último, quando eu não sei que não o conheço. Contudo, estes quatro apontamentos remetem a uma questão sumária: De que forma então é solucionado este paradoxo da aprendizagem?

Existe, contudo, uma objeção óbvia a interpretação do paradoxo da investigação como sendo também um paradoxo da aprendizagem: alguém – o professor – pode me dizer o que eu não sei, pode, portanto, informar-me daquilo que eu preciso aprender (PORTO, 2006, pg. 12).

Apesar da figura do professor, o filósofo compreende a aprendizagem por meio de uma tarefa ativa, o aluno possuindo um desejo de conhecer mais, haja vista, que para ele, a aprendizagem é uma investigação. Acentuando o que foi dito no princípio, a solução do paradoxo está no fato de que o aprender consiste na rememoração daquilo que esquecemos. Outra questão, porém, surge de modo intrigante, quando aprendemos algo pela primeira vez? De acordo com a metafísica de Platão a alma humana é imortal, portadora de todo o conhecimento existente, as verdades eternas e imutáveis, denominadas ideias.

Assim, ao rememorar o professor conduz o aluno de forma que ele entre em contato com as verdades intrínsecas que precisam ser despertadas, pois estão adormecidas.

Após estas considerações sobre o pensamento platônico, é necessário evocar o caráter de importância da educação para o filósofo, que entendia que ela não deveria ter um caráter privado, pois precisava ser socializado. O sistema educacional de Platão sustentava que os educadores fossem escolhidos pela comunidade, e supervisionados por magistrados que atuariam como se fossem ministros da educação, fiscalizando e zelando pelos conteúdos e a sua correta aplicabilidade.

No ideal platônico o Estado é o primeiro e maior responsável pela aprendizagem dos indivíduos e, dessa forma, ocorre uma inter-relação entre o Estado e a Educação. No entendimento de Platão, o ser não é autossuficiente. O

professor atuaria como um mediador na tarefa de contemplar suas ideias, o que resultaria no homem capaz de construir um Estado justo. A constituição da *polis* pode ser reformada somente por meio de cidadãos capazes de refletir filosoficamente, e isso se dá por intermédio do processo educacional. A finalidade disto é moldar a alma humana, o saber, seu espírito.

Platão compreendia a educação de modo integral, do corpo e da alma. Do corpo por meio dos esportes e da alma através da música para enfim atingir um nível mais elevado da *Theôria*, ou seja, as ideias eternas, a contemplação da ideia do belo e do bem.

### **A EDUCAÇÃO DO “GUARDIÃO”**

Com vistas à conservação do Estado, Platão defende que deve haver alguém que promulgue a continuidade, vivência e o agir do Espírito fundador. Um problema surge, a educação dos educadores. A solução levantada por Platão se daria por meio dos governantes filósofos formulando a pergunta “qual dos ‘guardiões’ deverá governar o Estado?” Evidente que os escolhidos seriam os virtuosos guerreiros pacíficos. No entanto o desafio permanece, pois de quem será o papel na formação deles. A princípio seria necessária uma seleção especial realizada desde a infância.

Mediante uma observação e um exame incessante mantido desde a infância, verifica-se quais “guardiões” que possuem mais alto grau de sabedoria prática, de talento e de preocupação pelo bem comum, decisivas naqueles que vão reger o estado (JAEGER, 1995 p. 802).

Estes “guardiões” seriam submetidos a todo o tipo de prova, sendo revelados aqueles que estivessem aptos ao cargo demonstrando que Platão conta com a diversidade humana. De acordo com Jaeger “apesar de valorizar muito a influência da educação (Platão), não acreditava na eficácia mecânica e uniformidade dela, mas conta com a diversidade da natureza individual” (1995, p. 802).

Essa seleção é o alicerce que diferencia os escalões do Estado platônico. A profissão de governante deveria ser exercida por homem com caráter especialmente forte, e a hereditariedade não seria uma garantia de que os próximos manteriam o governo justo. O filósofo acreditava no poder da educação como base para o Estado

perfeito. Além disso, o governante não deveria ter preocupações particulares, individuais e privados.

Platão não considerava isso impossível, entretanto compreende a dificuldade na execução de seus planos. Uma coisa é certa: a educação para ele é o pilar mais importante na construção do Estado justo, pois somente com ela é possível que se forme um homem mais elevado. Esta é uma imposição social e moral e tudo o que se afasta disso é degeneração e decadência.

Se o Estado perfeito é conquistado o que resta é mantê-lo, e a cultura musical atuaria como um remanescente que guardaria em si os costumes e o estilo de vida.

## **CONCLUSÃO**

O alvo deste breve estudo foi de demonstrar quais as contribuições que Platão proporcionou para a educação. Nesta tarefa pode-se apontar em primeiro lugar que o filósofo em questão primava pelo diálogo como estratégia de ensino e de acordo com ele esta seria a melhor maneira de se educar o homem.

De acordo com o pensamento platônico, o homem de ser educado para a formação das cidades e para constituição de uma saber voltado para a manutenção política.

A educação deve atingir os mais altos escalões do poder, ou seja, os homens que governam a cidade devem ser educados e sábios e necessitam ter um conhecimento filosófico para administrá-la.

Um quarto ponto a ser considerado é o da mediação, haja vista o processo educacional ocorre por intermédio de educadores capazes de ir além da transmissão do conhecimento, estimulando a associação de ideias nos alunos; pois Platão compreendia que o conhecimento já estava no âmago do ser, bastando apenas que fosse rememorado.

De posse destas conclusões, pode-se então analisar o pensamento platônico e entender que ele se aplica de forma coerente nas práticas educacionais. Uma práxis que se desenvolve com grande aplicabilidade, formando cidadãos que possam influir na realidade na qual estão inseridos. Indivíduos que possam sair do mundo sensível e ir para o mundo das ideias contemplando que está fora, enxergando além de uma visão tecnicista e conseguindo compreender sua importância social no meio em que está inserido.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Livro I. Porto Alegre: Globo, 1969.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia - As Escolas Helenísticas**. Companhia das Letras, Vol II. São Paulo, 2010.

ELIZABETH, Ana. **O Mundo das Ideias de Platão**. Revista on line Sexto Sentido. (2010) Disponível em: <http://www.revistasextosentido.net/news/o-mundo-das-ideias/>. Acesso em: 20/11/2012.

HEIDEGGER, Martin. **O que é isto — A filosofia?**, in Col. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973.

JAEGER, Werner Wilhelm, 1888-1961. **Paidéia: A formação do homem**. 3ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LARA, Thiago Adão. **Helenismo e cristianismo nas bases da cultura medieval: Paidéia e patrística. Educação e Filosofia**. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewArticle/1140>. Acesso: 02/04/2012.

MORANDI, Franc. **Filosofia da Educação**. São Paulo: EDUSP, 2002.

MONROE, Paul. **História da Educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1958.

PLATÃO. **A República**. 6º Ed. Editora Atena, 1956.

PLATÃO. **O Mito da Caverna**. Extraído de “A República”. 6ª Ed. Editora Atena, p. 287-291, 1956.

PLATÃO. **Teeteto**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **Filosofia e História da Educação**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 1988.

PINTO, Maria José Vaz. **Polis**. Dicionário de Filosofia Moral e Política. Instituto de Filosofia da Linguagem, 2010.

PORTO, Leonardo Santos, **Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

RIBOULET, Louis. **História da Pedagogia**. 2ª Ed., São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1959.

TEIXEIRA, Francisco; LOURDES, Maria de; SOSTEVALDO, João, PORTELA, Roseni; SILVA, Maria Soely; MESQUITA, José Carlos; AMORIM, Salomão.

**Educação Grega.** Univesidade Federal do Pará. Disponível Em: A Paidéia - Underpop. Free.Fr, Acesso em: 02/04/2012.

VASCONCELLOS, Edvard. **Platão de Atenas: Das Aparências ao Mundo das Ideias Perfeitas.** (2008). Disponível em: <http://breviariodasideias.blogspot.com.br/2008/06/plato-de-atenas-das-aparncias-ao-mundo.html>. Acesso em: 20/11/2012.